

## DIFICULDADES DOS ALUNOS NA LEITURA E ESCRITA NAS PRIMEIRAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

DIFFICULTIES OF STUDENTS IN READING AND WRITING IN THE FIRST SER  
OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Michelli Carla de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** Sabemos que a prática pedagógica e alternativas metodológicas para um ensino de qualidade, assim como os recursos alternativos para aquisição da leitura e escrita, é claro não se esquecendo de mencionar a função da escola e da família no processo de aprendizagem da leitura e escrita, cada um tem seu valor social para bom desenvolvimento da aprendizagem do aluno, este capítulo ainda relata as concepções e práticas de leituras e escritas, o papel da escola e do professor, que são importantes, a leitura e a escrita proporciona autonomia, consciência nos alunos, e assim trás no intuito de desvendar as palavras, a leitura e a escrita reflete nossas indagações, nossas interferências, nossas inquietudes, nossa própria transformação para que aconteça a modificação do contexto e que estamos inseridos, de um modo geral, o ensino e a aprendizagem da leitura não têm ocorrido sem dificuldade, empecilho e reprovação, essas situações despertam nos alunos um sentimento de incapacidade para tal aprendizagem, mas também sabemos que existem muitas pesquisas que revelam estas situações e nos apontam os vários e possíveis caminhos teórico-metodológicos para diagnosticar e viabilizar práticas pedagógicas que consigam um bom desenvolvimento da leitura dos alunos. Ao distinguir o ensino da leitura centrado somente na decodificação e mecanização do processo mais amplo, com significado e contextualizado é fundamental para ajudarmos os alunos e professores neste ensino. Abordar a leitura como função social, a qual se constitui de diversos recursos didáticos que vão além do livro didático é fundamental para estimular e despertar o interesse e prazer dos alunos pela leitura. Neste trabalho propõe trabalhar com as dificuldades da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, percebemos que a dificuldade dos alunos vem de vários fatores e se objetivasse organizar atividades que visam ajudar o trabalho nas dificuldades da leitura e escrita como a metodologia a pesquisa bibliográfica. Com pontos de vista de vários estudiosos da área, que buscam incansavelmente uma fórmula ideal que nos ajude a modificar a maneira de trabalhar com as diferentes fontes de leitura e também

---

<sup>1</sup> Pedagoga com pós graduação em psicopedagogia institucional. professora atuante em escolas públicas. E-mail: mmichellicarla13@hotmail.com.

da escrita e assim formar leitores e escritores para uma vida fora das escolas, porém, este trabalho só traz idéias básicas, espera-se que essas idéias trazidas sirvam de estímulo para a busca às fontes, para trabalhos com leitura e escrita de diversos gêneros textuais.

**Palavras-chaves:** Leitura e Escrita; Dificuldade, Aprendizagem.

**ABSTRACT:** We know that practice of teaching and methodological alternatives for a quality education, as well as alternative resources for the acquisition of reading and writing, and of course not forgetting to mention the role of the school and family in the learning process of reading and writing, each has its social value for proper development of student learning, this chapter also describes the concepts and practices of reading and writing, the role of schools and teachers that are important, reading and writing provides autonomy. Awareness in students, and so in order to unravel behind the words, reading and writing reflects our questions, our interference, our concerns, our own transformation to happen to change the context and we in generally speaking, teaching and learning of reading have not occurred difficulty, hindrance and failure these situations awaken in students a sense of incapacity for such learning, but we also know that there many studies that show these situations and show the various paths and possible theoretical and methodological practisesto diagnose and facilitate they get a good educational development of students' reading. By distinguishing the teaching of reading and focused only on mechanization of the broader process, meaningful and contestualized is key to helping students and teachers in this school. Addressing the reading as a social function, which is composed of various educational resources that go beyond the textbook is essential to stimulate and arouse students' interest and pleasure the textbook to stimulate arouse students' interest and pleasure in reading. This paper proposes to work with the difficulties of reading and writing in the initial series of elementary school, we realize that the difficulty of students comes from several factors and organiza activities to help work on the difficulties of reading and the methodology bibliographical research. With views of various scholars in field, tirelessly seeking an ideal formula to help us change the way you work with different sources of reading and writing and so also readers and writers to build a life outside of schools, however, this work only bring basic ideas, it is hoped that these ideas brought serve as an incentive to search for sources to work with reading and writing of various text genres.

**Keywords:** reading and Writing; Difficulty Learning.

## INTRODUÇÃO

Logo vemos que toda que sociedade atualmente é altamente letrada, cada um tem o seu conhecimento seja ele básico ou superior na questão da leitura e escrita, quem ainda não predomina esse conhecimento sente dificuldades de um bom desenvolvimento na vida social, isso se faz uma necessidade para tenha o domínio da leitura e da escrita, é uma atividade de vital importância para o sucesso na vida de qualquer pessoa, pois a aprendizagem escola é considerada um processo natural da criança para tem os devido

cuidado para que a mesma venha aprender a dominar a Leitura e a Escrita, porém muitos alunos sentem dificuldades nas serie iniciais do ensino fundamentais com relação à leitura e à escrita. Sem a leitura da escrita não conseguimos interagir com o mundo a nossa volta e consegui-lo compreender.

Devemos obter um bom domínio da leitura e da escrita que colaboraram para o nosso crescimento pessoal para que possamos nos capacita-nos a agir de forma ativa e critica na sociedade com um bom cidadão e democráticos, já na escola, podemos perceber certa dificuldade do ensino em relação com alguns professores, exemplo do ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa, pois muitos professores se formaram há muito tempo e não se reciclam a fim de acompanhar as novas teorias e concepções sobre língua e ensino, e com isso podem avir tardar o ensino de aprendizagem dos alunos que depende deste profissional.

E com isso tende-se que os alunos apresentam dificuldades em ler e escrever, reconhecer e interpretar textos em língua portuguesa pela forma como a leitura é processada na escola, muitas vezes, os gêneros textuais que os alunos de fato têm contato no seu cotidiano, e tristes, mas ainda a muitos professores, por falta de conhecimento das teorias dos gêneros ou por ignorarem sua relevância, ainda trabalham a leitura de forma descontextualizada, utilizando-se de textos como “desculpa” aos exercícios de gramática, e na verdade que perde com isso é o aluno que depende do ensino deste profissional.

Ainda em sala de aula é muito utilizada à gramática e a respeito disso **Antunes** (2007, p. 42) afirma que, ingenuamente, a gramática foi posta num pedestal e se atribuiu a ela um papel quase de onipotência frente àquilo que precisamos saber para enfrentar os desafios de uma interação eficaz, e daí veio às distorções: a fixação no estudo da gramática, como se ela bastasse, como se nada mais fosse necessário para ser eficaz nas atividades de linguagem verbal.

Não podemos globalização todos os Educadores da área da educação, pois muitos profissionais até gostariam de trabalhar de forma diferente, mas há ainda escolas onde a direção e até mesmo os pais dos alunos exigem o ensino voltado quase que exclusivamente voltado para a gramática, à idéia de decorar a gramática da língua é considerando a relevância social da leitura, **Solé** (1998, p. 18) afirma que poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui

de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

Para os Professores, psicólogos, fonoaudiólogos umas das difíceis dificuldades hoje no ensino da aprendizagem são os processos que identificam de dificuldades leitoras em crianças, a dislexia, isso sim é um grande dos problemas relacionados à educação têm sido pauta em diversas áreas profissionais de todo o país lembrando que a educação é da responsabilidade pública e não somente dos profissionais diretamente ligados ao ensino brasileiro, devido que a dislexia resulta de um processo de dificuldade aquisitiva de leitura, incapacidade de compreensão do que se lê, nessas condições, a criança consegue ler, contudo experimenta fadiga e sensações desagradáveis pela falta de assimilação do texto, apresentando uma dificuldade de reconhecimento do mesmo.

Neste caso é de suma importância a identificação precoce desta deficiência, pois quanto mais cedo identificado o problema melhor a aplicação do tratamento, pois o transtorno de desenvolvimento leitor manifesta-se através de uma leitura oral lenta, com bloqueios, omissões, interrupções, distorções, correções e substituições de palavras, a identificação da dislexia costuma acontecer na observação de crianças em torno dos sete anos de idade, geralmente no primeiro ciclo do ensino fundamental bem no começo mesmo.

È claro que tem solução, mas vai depender dos tipos de transtornos e também da gravidade que se encontra que se for um caso leve, de identificação em primeira fase, a intervenção é suficiente para a superação do problema, não restando seqüelas na idade adulta, mas se for um caso mais grave, sem rápida observação, é possível que ocorram manifestações posteriores mesmo com aplicação de tratamento, as dificuldades que aparece no campo da dislexia, quando não tratadas e sendo apresentadas com frequência, tendem a gerar comportamentos negativos, causando algumas vezes, inquietações e até perturbações, e claro vai dificultar o ensino da aprendizagem desta criança.

Na identificação de problemas relacionados a dificuldades de aquisição da leitura são fundamentais as observações de fatores etiológicos, neuropsicológicos, psicomotores e sensoriais, cognitivos, condutores e de linguagem, esses fatores interferem diretamente na identificação do disléxico através da observação de problemas de linguagem de base em

sala de aula, existem prognosticadores relacionados ao sucesso e fracasso leitor, dentre eles destaca-se a inteligência geral (QI), as aptidões de fala e linguagem, os processos de memória, as habilidades motoras e a predisposição a uma situação de risco.

Esses tipos de prognosticadores são utilizados para a avaliação de populações em series iniciais, quatro tipos de tarefas prognosticadoras das habilidades leitoras são destacados por **Adams** (1990), dentre elas a segmentação de sílabas e fonemas, a manipulação de fonemas, a combinação de sons e as relacionadas a rimas. Certas evidências sugerem que existe um processo interativo bilateral entre as habilidades fonológicas e aprendizagem da leitura (Snowling e Stackhouse) essas estratégias fonológicas para a leitura e escrita é um dos principais problemas reconhecidos em crianças disléxicas, principalmente ao que se refere ao processamento de novas palavras.

Sobre a discussão da dislexia é assunto exige cautela e um maior aprofundamento, porém as habilidades de processamento fonológico em crianças continuam sendo importantes quesitos na identificação de um diagnóstico inicial para os casos de dislexia, pois identificar as deficiências de leitura é de suma importância, pois ao detectar o quanto antes fica mais fácil criar métodos eficazes para auxiliar as crianças que apresentam tais problemas, esse problema é uma preocupação para alguns profissionais como fonoaudiólogos, professores, psicólogos eles tentam mobilizar a dislexia engajados em desenvolver estratégias de avaliação e até mesmo de intervenção, pois somente mediante a uma compreensão geral do problema, com coleta de dados, análises de casos é que se pode pensar em como agir dependendo de cada caso encontrando a melhor forma de sanar as deficiências e obter um resultado positivo.

Sabemos que há várias formas para identificar sucesso ou fracasso na leitura como o teste de QI, aptidões de fala, de linguagem, de atenção, processos de memória, habilidades motoras, de aptidões fonológicas, que libera e colaboradores (1974) demonstram que poucas crianças, na pré-escola, conseguem segmentar palavras em fonemas, sendo mais comum para elas segmentarem em sílabas quando isso ocorre é devido ao não conhecimento da correspondência entre letra e som, essa concepção ou habilidade fonológica está intimamente ligada à aprendizagem da leitura, agora em maiorias das crianças que apresentam dislexia começam a falar tardiamente, podem ser identificadas

essas deficiências quando não conseguem ou sentem dificuldades ao utilizar estratégias fonológicas para ler e escrever palavras desconhecidas ou longas.

Isso pode acontecer os distúrbios de linguagem envolvem fracasso na leitura, e claro que também atingira a o desenvolvimento da escrita desta criança, o que é problemas de sintaxe, deficiências fonológicas que prejudicam o desenvolvimento escolar afetando até mesmo a motivação da criança, e com isso fazendo que a crianças não sinta vontade de aprender, mas sabemos que os professores podem avaliar ou identificar estes distúrbios utilizando tarefas com rimas para ver se os alunos conseguem realizar analogias exercitando o som de pronuncia e ortografia que é a escrita.

A leitura por si só já é um mecanismo de análise onde se percebe fluidez, clareza, segurança ou dificuldades, empecilhos, mas podem ser realizados testes para avaliar essa fonológica das crianças (o grau de utilização) pedindo aos alunos que forneçam palavras que rimem com uma palavra chave proposta ou ainda que forneçam palavras derivadas de uma palavra X (Rimas, viver; correr, parecer... Derivadas Dente: dentinho, dentada, dentadura) estimulando a memória e o vocabulário que cada indivíduo possui, pode identificar criança que apresentem insuficiência em testes envolvendo memória de curto prazo e também em longo prazo, facilitando o desenvolvimento da aprendizagem, e outra forma para identificar esse problema em sala de aula é pela comparação da leitura ou atitudes leitoras de crianças que não apresentam dificuldades cuja leitura é rápida, clara, com ritmo, mas por fim conseguem ler em oposição as que sofrem distúrbios que apresentam leitura não clara, muito lenta, lendo soletrando, confundindo e trocando algumas letras, fazendo pausas mais longas, com tom de voz baixo, tremulo angustiado ou ainda “lendo”.

Pode ser também pulando palavras, engolindo letras, em situações de fala espontânea falam “F” em lugar de “V” sendo **vida** em vez **vida** ou um caso comum fala de “cebolinha” do seriado da Turma da Monica (clalo x claro) ou ainda confunde letras parecidas “p, q, b, d” mas um indicador relevante é o conhecimento de letras, procedimento para constatar a memorização dos fonemas, teste de rapidez da fala ou por testes de extensão, que podem ser realizados por psicólogos, fonoaudiólogos e professores.

Sabemos que é comum no início dos anos escolares a leitura costuma ser lenta com pouca precisão principalmente diante de palavras tão usuais, a raiz do problema mais uma

vez é fonológico, pois crianças fonologicamente competentes adquirem habilidades de decodificação enquanto as que apresentam dificuldades não aprendem as representações sonoras que os grafemas contêm, dificultando a leitura, mas existir um caso de déficits e podem ser identificar esses déficits de leitura com atividades que utilizem repetição trocadilhos, pronuncia de palavras polissílabas e de não-palavras, ou até leitura de palavras isoladas além de palavras em um contexto analisando os resultados assim o professor passa a trabalhar melhor com o aluno que identifica esse tipo de dificuldade.

Na questão da leitura pode ser concebida em partes, sendo elas: o reconhecimento, a decodificação e compreensão daquilo que se ler é de fundamental importância, tanto no reconhecimento das letras quanto na decodificação, ou seja, nos dois processos anteriores uma forma prática de trabalhar pode ser na questão do vocabulário visual é limitado, se há erros visuais, se ocorre à identificação apenas em parte na palavra, se há dificuldade na decodificação, quais letras são conhecidas e quais ainda precisam ser mais trabalhadas, como se dá correspondência entre letras e sons, se utilizam um contexto na obtenção da compreensão do significado, se utilizam ou não a auto-correção.

Se ainda o leitor consegue responder perguntas sobre o conteúdo do texto, se ele é capaz de descrever logo após a leitura características dos personagens, valores, comportamento, até mesmo sobre a velocidade da leitura se é lenta ou demasiadamente rápida, se eles entendem o que estão lendo, se podem memorizar o conteúdo, se podem fazer analogias com ocorrências cotidianas, pois sabemos que a falta de informação não-visual dificulta a leitura, daí então a atribuição do significado para facilitar o ato de ler.

Mais uma dica para ajudar a identificar alunos que apresentam dificuldades de leitura, quando é proposta uma atividade de paráfrase, ou seja, recontar o texto com suas próprias palavras testando habilidades de memória: entendimento, organização e competência lingüística desta criança e até mesmo a paciência, pois alguns alunos não apresentam dificuldades em ler, pronunciar, mas eles decodificam sem obter nenhuma extração de sentido daquilo que estão lendo e assim muitos não conseguem detectar a palavra chave ou a mensagem central de um texto, e ver se o aluno respeita as pontuações, se utilizarem entonação em voz alta, também se lembrando da importância da leitura silenciosa, isso podem facilitar para que os professores possa detectar estes distúrbios se

atentarem para os aspectos fonológicos, semânticos, sintáticos que ocasionam dificuldades no desempenho da aquisição da leitura.

Acreditamos que a escola é o lugar onde se aprende a ler e a gostar de ler, e com essa idéia acreditamos que nas séries iniciais do Ensino Fundamental deve-se dar uma atenção especial ao ensino de leitura, pois a leitura resulta em tudo de uma forma simples e geral que vem despertar o prazer pela leitura, ou desenvolver estratégias que facilitem a leitura pode garantir que a criança se torne um adulto letrado e crítico. A leitura nas séries iniciais muitas vezes é feita de forma simples, é dada muito mais importância ao ensino lexical em detrimento do ensino do sentido das palavras nos textos.

Vamos ser sinceros há muito tempo a escola tem cometido o equívoco de pensar que seu único papel ensinar a ler, escrever e fazer contas, sendo que o verdadeiro papel do professor transcende estas questões, pois o papel de mediador desempenhado por nós professores não é tarefa fácil, aliás, esse trabalho não deve ser tarefa exclusiva do professor de Língua Portuguesa, mas em todas as disciplinas ele deve ser desenvolvido.

Sendo que a verdadeira função de cada um de nós, professores e professoras, independente da área curricular, é promover a leitura de textos que devem ser aprofundados para que todos vivenciem o encantamento da descoberta de sentidos trazido pela leitura, dialogando com a realidade e formando para a cidadania, e assim o nosso verdadeiro objetivo deste trabalho é de organizar atividades para trabalhar as dificuldades dos alunos na leitura e na escrita nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Para a pesquisa em questão utilizarei a abordagem qualitativa. Este trabalho é composto por três capítulos.

A monografia foi organizada em três capítulos. No capítulo I abordarei o ensino aprendizagem da leitura e escritas nas primeiras séries do Ensino Fundamental, capítulo II, a importância da leitura e da escrita, o que é e tipos de leitura e no capítulo III, como organizar atividades para trabalhar com estas dificuldades da leitura e escrita nas primeiras séries do Ensino Fundamental e por último a apresentação da conclusão e referências bibliográficas.



## O ENSINO APRENDIZAGEM DA LEITURA NAS PRIMEIAS SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Em relação ao ensino da aprendizagem dos nossos alunos procurei, descobrir quais seria os motivos, que levaria esses educando a ter tantas dificuldades em seu aprendizado, quais as conseqüências, procurei de uma forma agradável buscar a solução para esse problema que atinge uma boa parte de nossos alunos, devido que o processo de ensino-aprendizagem tem sido historicamente caracterizado de formas diferentes que vão desde a ênfase no papel do professor como transmissor de conhecimento, até as concepções atuais que concebem o processo de ensino-aprendizagem com um todo.

Tendo com objetivo discutir a leitura e escrita em seu sentido amplo, a sua relação com a escrita, como também a sua função social, o ato de ler é a única forma de levar o aluno a melhorar seu vocabulário, lembrando que a leitura do mundo que a rodeia facilita a sua maneira de expressar tanto na escrita quanto na oralidade, assim tenho uma ligação inseparável uma com a outra. Então na concepção de leitura mais contemporânea define a leitura como um ato de atribuição de significados depende do que o leitor já conhece sobre o assunto, e as reflexões sobre o estado atual do processo ensino-aprendizagem nos permitem identificar um movimento de idéias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem.

Entre os fatores que estão provocando esse movimento podemos apontar as contribuições da Psicologia atual em relação à aprendizagem, que levam todos a repensar a prática educativa, buscando uma conceitualização do processo ensino-aprendizagem. Apesar de tantas reflexões, a situação atual da prática educativa das escolas ainda demonstra a massificação dos alunos com pouca ou nenhuma capacidade de resolução de problemas e poder crítico-reflexivo, a padronização dos mesmos em decorar os conteúdos, além da dicotomia ensino-aprendizagem e do estabelecimento de uma hierarquia.

A leitura é sempre um processo pontual e seletivo. Portanto e lendo que a criança aprende a ler, é através da experiência em que a criança desenvolve a capacidade de mobilizar aquelas estratégias básica para o ato de ler, e assim tentar ensinar uma criança a ler, é, além de inócuo, privá-la de ensinar a si próprio a ler, sendo que a solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educando aprendem e como o processo de

ensinar pode conduzir à aprendizagem, acreditamos ainda que a solução esteja em partir da teoria e colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo de forma crítica-reflexiva-laborativa; crítica e reflexiva para pensar os conceitos atuais e passados e identificar o que há de melhor; laborativa não só para mudar como também para criar novos conhecimentos.

Se observação podemos relatar em, algumas escolas que o educador promove a roda de leitura usando estratégias que incentiva a criança à diversidade de leitura oferecendo livros, jornais, revistas para que possa ler e com isso praticando a leitura, isso faz que a criança vai-se superando as dificuldades, ou seja, organizando o acúmulo de conhecimento e buscando o novo, se observamos a roda de leitura deparamos com a “surpresa” de leitura que a turma gosta e tem aquelas leituras que não desperta a curiosidade com isso a interpretação muita das vezes não acontece, mas para que se repensem as ciências humanas e a possibilidade de um conhecimento científico humanizado há que se romper com a relação hierárquica entre teoria, prática e metodologia.

O conceito de aprendizagem emergiu das investigações empiristas em Psicologia, ou seja, de investigações levadas a termo com base no pressuposto de que todo conhecimento provém da experiência, se o conhecimento provém de outrem, externo ao indivíduo, isto significa afirmar o primado absoluto do objeto e considerar o sujeito como uma tabula rasa, como um ser vazio, sem saberes e com a função única de depositário de conhecimento, este conceito inicial é baseado no positivismo que influenciou diferentes conhecimentos, entre eles o behaviorismo e assim a aprendizagem se dá pela mudança de comportamento resultante do treino ou da experiência.

**Paulo Freire** afirma que, “Ensinar exige a convicção que a mudança é possível”. Com isso entendemos que a mudança deve partir do educador com formas atrativas de inovação e criatividade, pela seleção de atividades incluindo a leitura, material didático e pedagógico que o ambiente seja estimulador para que a criança tome gosto pela roda de leitura ou outros.

Para **(ZILBERMAN, R. A.)** “As muitas faces da leitura já vivem uma mudança qualitativa da concepção sobre o ler. Ler é uma atividade voluntária ou coletiva (...) o leitor deve mobilizar estratégias de acordo com a intencionalidade no ler” Podemos distinguir, nas situações de leitura possíveis, seis grandes grupos.

Neste momento histórico não se fala em aprendizagem, mas em percepção, posto que tal corrente não acredite no conhecimento adquirido, mas defende o conhecimento como resultado de estruturas pré-formadas, do biológico do indivíduo, e por fim, há de se chegar à psicologia genética tendo como representantes nomes como **Piaget**, **Vygotsk** e **Wallon** e que segundo **Giusta**, levam a uma concepção de aprendizagem a partir do confronto e colaboração do conhecimento destes três: empirismo, behaviorismo e gestáltico.

As dificuldades de aprendizagem é um assunto que tem sido discutido, pois a escola não tem dado conta de umas das suas funções primordiais que é a acesso ao conhecimento científico, no caso dessa pesquisa, da leitura e da escrita. Apesar de as legislações (Constituição Federal, ECA, LDB 9394/96, dentre outras) aparem o ingresso e a permanência de todos na escola, o que se constata é que, muitos alunos não foram excluídos fisicamente das escolas, todavia são excluídos do conhecimento que a escola oferece.

O nosso objetivo de contribuir para a reflexão sobre a prática pedagógica e o processo de aprendizagem nas escolas, considerando assim as varia formas de leituras e escritas que o educando domina, e procurando conhecer aquela que ele ainda tem dificuldade. Qual seria a sua deficiência? O que o levou ele a ter essa deficiência? Quais os fatores que contribuíram neste processo? O problema da identidade entre uma e outra escola, entre um e outro jeito de alfabetizar, levando em conta a leitura de mundo que o educando é capaz de dominar.

E de repente se descobre um sentimento, um modo especial de vê-lo, enxergá-lo, percebê-lo em fim, lê o vaso ou o cinzeiro houve uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Na sala de aula no dia a dia deparamos com essas circunstância que às vezes nos chocam, crianças que deparam pela primeira vez com um caderno e um lápis, tendo eles enorme dificuldade, com esse mundo desconhecido.

Mas sabemos que o fracasso escolar, mais especificamente a dificuldade na elaboração da leitura e da escrita tem preocupado os educadores, pesquisadores e pais. Apesar das inúmeras discussões constatou, por meio de pesquisas (**Shimazaki**, 2007; **Shimazaki** 2006) que grande parte dos alunos que estudam na segunda e terceira séries do ensino básico não elaborou a leitura e a escrita. Muitos desses alunos são encaminhados

para a sala de recursos, apesar de não terem qualquer deficiência ou distúrbio de aprendizagem.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, a sala de recursos é um serviço de apoio pedagógico especializado, que o sistema educacional oferece para assegurar a educação aos alunos com necessidades educacionais especiais, no ensino regular e realiza atendimento complementar às necessidades especiais em sala de recursos, providas de material e equipamentos adequados na própria escola ou, em outra escola, sob orientação de professor especializado.

Os estudiosos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores, não ter uma formação que o ajude a fazer trabalhos melhores, considerando que a aprendizagem um processo construtivo que perpassa aspectos sociais, históricos e pessoais, é preciso que o professor supere a condição de repassador de conhecimentos prontos e acabados e permita que o aluno elabore suas hipóteses e estratégias de leitura e escrita.

Isso não seja apenas no conhecimento da língua, e sim todo um sistema de relação interpessoal entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida, aprendemos a ler lendo e a escrever escrevendo, digamos que através da leitura podemos interpretar o mundo de uma forma diferente, neste sentido, o educando e o educador cumpre reciprocamente o papel de investigado, na busca do conhecimento contínuo, devido que o educador, age, propondo desafios distintos a cada educando para que este supere suas construções iniciais e faça seu percurso na evolução da leitura e na escrita. O ensino da leitura e, particularmente, a importância da literatura na formação pessoal e intelectual do ser humano ainda nas séries iniciais, encontram pouco espaço nos programas de formação inicial e continuada das escolas brasileiras.

O objetivo é contribuir com os demais colegas professores que, enfrentam o desafio de alfabetizar, e, sobretudo de ensinar e aprender, pois não basta alfabetizar, é óbvio que ao alfabetizar alguém, este alfabetizador recebe muitos outros conhecimentos como também transfere outros saberes, qualquer aprendizagem só se dá de fato quando o sentido está presente. Só assim se verifica a mobilização do sujeito enquanto totalidade: razão, sentimento, intuição, imaginação estão presentes quando a atividade tem sentido. As

crianças devem estar envolvidas em atividades que possibilitem a elas o sentido e o prazer em descobrir, em buscar novos conhecimentos, em compartilhar saberes.

De acordo com **Zilberman** (2003, p.30) o uso do trabalho na escola nasce, pois, de um lado, da relação que se estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância. Muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância das atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para o bom desempenho da criança. A utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador.

Certamente aprendemos a ler e escrever a partir do contexto pessoal. E temos que valorizá-los para poder ir além dele, através da história da humanidade é assim que se pode dizer-nos deixa transparecer que desde a idade mais remota houve a necessidade da educação, do ensino, do adestramento, da doutrinação ou da instrução, e com essa concepção, o educador passa a se preocupado com a formação do gosto pela leitura, deve reservar espaços em que proponha atividades novas sem o compromisso de impor leituras e avaliar o aluno, trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula onde a leitura por fruição-prazer possa ser vivenciada pelas crianças e jovens.

É função de a escola realizar a mediação entre o conhecimento prévio dos alunos e o sistematizado, propiciando formas de acesso ao conhecimento científico, nesse sentido os alunos caminham, ao mesmo tempo, na apropriação do conhecimento sistematizado, na capacidade de buscar e organizar informações, no desenvolvimento de seu pensamento e na formação de conceitos, o processo de ensino deve, pois, possibilitar a apropriação dos conteúdos.

É certo que a escola foi e é um palco de ações e reações, onde ocorre o saber-fazer. É constituída por características políticas, sociais, culturais e críticas, ela é um sistema vivo, aberto, e se deve ser considerado como em contínuo processo de desenvolvimento influenciando e sendo influenciada pelo ambiente, onde existe um feedback dinâmico e contínuo, é neste ambiente de produções e produto que se insere o professor, o educador, não como um indivíduo superior, em hierarquia com o educando, como detentor do saber-fazer, mas como igual, onde o relacionamento ente ambos concretiza o processo de ensinar-aprender.

Não podemos esquecer-nos de um personagem muito importante em relação a ensino da aprendizagem dos alunos, uma ferramenta que deve sempre estar ativa, o professor, pois é ele que dirige e orienta a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo, é seu dever conhecer como funciona o processo ensino-aprendizagem para descobrir o seu papel no todo e isoladamente, pois, além de professor, ele será sempre ser humano, com direitos e obrigações diversas, sempre pensar no educador como um ser humano é levar à sua formação o desafio de resgatar as dimensões culturais, política, social e pedagógica, isto é, resgatar os elementos cruciais para que se possam redimensionar suas ações para o mundo.

E neste processo do saber, permanece na atualidade o desafio de tornar as práticas educativas mais condizentes com a realidade, mais humanas e, com teorias capazes de abranger o indivíduo como um todo, promovendo o conhecimento e a educação as informações nos chegam, hoje, rapidamente e o que antes demorava uma década para mudar, nos dias atuais ocorre da noite para o dia, vários autores, estudiosos do processo de aquisição da leitura e da escrita, concordam que ele se inicia muito antes do que geralmente se imagina, quando a criança, mesmo sem frequentar a escola, começa a tomar contato com materiais escritos, em casa, na rua, ou em qualquer lugar onde se encontre.

Muitos desses pesquisadores, uma autora argentina e também psicopedagoga chamada **Emília Ferreiro** contribuiu bastante para o entendimento de como ocorre o processo de aprendizagem da linguagem escrita, segundo ela afirma, a criança pensa sobre a escrita, formulando hipóteses sobre ela, como maneira de compreender o que significa; Essas hipóteses acontecem em todas as crianças e vão evoluindo desde a fase pré-silábica, na qual ainda não há intenção de representar através da escrita os aspectos sonoros da fala, até chegar ao padrão alfabético, que é aquele no qual a criança associa sons falados a letras escritas.

Importância dada para leitura da escrita como ponte para outro entendimento de uma forma geral, dar-nos a capacidade de dar sentidos às coisas bloqueadas pelo seu analfabetismo, “quando compreende, esquece logo”, seu universo de interesse é outro, tudo quanto de fato impressiona a nossa mente jamais é esquecido, mas sabemos que a leitura, parte desse processo, também se desenvolve de forma gradual, é um hábito a ser adquirido

e deve ser fonte de prazer e não apresentada de forma obrigatória através de imposição ou cercada de castigos e ameaças.

Na vida da criança, já no ambiente doméstico, através da família e dos pais, estes são os primeiros incentivadores, promovendo a aproximação com a linguagem desde o momento em que cantam para os bebês, brincam com eles usando histórias, adivinhações, rimas e expressões folclóricas, ou folheiam livros e revistas buscando figuras conhecidas e perguntando sobre seus nomes, a valorização do saber ler e escrever signos arbitrários como instrumentos de comunicação, registros das relações humanas, instrumentos do poder pelos dominadores, mas que também vir a ser a liberação dos dominados como um mecanismo de defesa e conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes tornando um cidadão.

Muita vez ou quase sempre a leitura reflete-se de forma significativa na escrita da criança e do adulto também, na medida em que, ao ler, memorizamos as correspondências ortografia-som sem memorizar regras, e apreendemos também as exceções das mesmas, além de ampliarmos o vocabulário e o conhecimento das estruturas de diferentes textos, o que aumenta o repertório e reflete-se em uma escrita melhor, muitos educadores não conseguiram superar as práticas formalistas e mecânicas, enquanto para a maioria do educador aprender a ler se resume “à decúria de signos lingüísticos” isso explica as diferenças quanto à apropriação da ortografia saber, por exemplo, que a palavra “onça” deve ser escrita com “ç”, apesar do som de fala ser “s”, sabemos que ler e escrever respeitando os padrões da língua é um processo gradual, mas depende muito da estimulação que a criança recebe quanto ao uso significativo do material escrito.

Não podemos esquecer e atropelar a crianças que ta no processo de aprendizagem do desenvolvimento de sua leitura e escrita, é fundamental entender que essa aprendizagem é gradativa, que devem ser respeitadas diferenças individuais e não se deve punir e criticar a criança por ela não estar lendo ou escrevendo como outra da mesma idade, que isso poderia atrapalhar o seu desenvolvimento, gerando nela sentimentos de insegurança e incapacidade, deve-se compreender que, quanto mais à criança associar a leitura e a escrita com atividades úteis e que lhe dêem prazer, maior será o seu desejo de aproximar-se delas, maior facilidade ela terá de aprendizado, e nos educadores sabemos que, aprende-se a ler e escrever lendo e escrevendo.

Para **Martins** (1994, p.22) “Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação Global do individuo, à sua capacitação para o convívio e atuações sociais, política, econômica e cultural”, pois à pedagogia do sacrifício do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do individuo e da sociedade. **Martins** afirma que: “Uma vez alfabetizado a maioria das pessoas se limitam com fins pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”. (MARTINS, ano1994, p.23).

Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber, aprendizagem da leitura sempre se apresenta intencionalmente como algo mágico, senão enquanto ato, enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso.

Já o senhor **Paulo Freire** relata que: "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo". Refletindo melhor se poderia dizer: ninguém ensina ninguém a ler.

A leitura e a escrita é a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do individuo, sendo que o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desenvolva na convivência, cada vez mais com os outros e com o mundo, naturalmente! A leitura e a escrita é importante em todos os níveis educacionais, e assim, deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar-nos diferentes graus de ensino, ela constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento, sabemos que a leitura e a escrita é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, ela está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende.

Através das classes mais populares da sociedade e dos profissionais mais conscientes que pratica o habito de ler de interagir nos mundo da leitura, que revolucionam a educação, fazendo surgir novos paradigmas que conduz o ensino ao seu verdadeiro papel, formando o individuo para exercer a sua cidadania e assim interferir e modificar a própria sociedade, buscando o resgate da dignidade e equilíbrio social, pois o



livro é ainda um importante veículo para a criação, transmissão e transformação da cultura, e através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades auto educarem-se, promovendo a sua transformação e a do mundo.

Podem praticar o exercício dialético da libertação com isto passarão a ser críticos da realidade, além de tentar transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras, pois o problema da falta de hábito de ler já começa nas primeiras séries do primeiro grau, em razão dos textos utilizados serem muitas vezes ultrapassados e alienados dos problemas da realidade, não constituindo nenhuma motivação para o aluno.

É preciso lembrar que a educação do ser humano envolve sempre dois fatores: formação e informação. Por isso, os conhecimentos transmitidos as novas gerações devem ser trabalhados com os valores e costumes para que ocorra a sobrevivência e evolução da cultura, os textos podem ser utilizados na realização de objetivos educacionais tanto para formar como para informar, como sempre os alunos lêem normalmente para as provas e estas leituras são sempre escolhidas pelo professor isso não é o certo para que a crianças possa ter gosto pela leitura a crianças deve escolher o que quer ler, e dessa forma as crianças terá mais êxito na leitura, mas ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular, conceito de cultura muito ligado à produção escrita compreende tanto a questão da leitura quanto a da cultura para além dos limites que as instituições impuseram.

A leitura é como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem, tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano amplo da noção de leitura, o ato de ler impede de se englobar no processo, uma série de aspectos que a realidade evidencia, assim como elitiza a leitura e a escrita reforçando a democratização e negação enquanto privilegia, é uma necessidade é comum a idéia de que o sucesso na alfabetização depende do emprego de bons métodos de ensino.

No entanto, sabe-se que a alfabetização não é apenas uma questão de métodos. Sua eficácia depende principalmente da coerência que deve existir entre o plano pedagógico e a língua a ser ensinada. Seja qual for o ponto de partida, não se pode deixar de considerar que o aluno só estará alfabetizado se ele dominar o processo de formação da palavra,

sabendo reconhecer as sílabas que a compõem, bem como os fonemas que figuram na estrutura das sílabas, dessa forma e diante da quantidade de informações e da facilidade de acesso a estas, deve o professor conduzir o aluno de forma que possa o aprendizado ser mútuo e repleto de paixão, a paixão faz parte da vida a vida é uma paixão eterna. Aprender é uma constante e ensinar uma dádiva. O professor deve traduzir os ensinamentos de forma que o aluno se sinta dentro de uma inesquecível viagem e dessa forma possa assegurar a produtividade do ensinamento.

A segura e distanciamento entre professor e aluno devem dar lugar a uma relação de carinho e proximidade. Uma proximidade tal que aluno seja levado a querer aprender. A desejar sempre mais e que o educador se sinta como um elemento de importância fundamental na vida daquele aluno que levará para sempre os ensinamentos adquiridos. Os docentes devem ser preparados para a arte do ensinar. Não basta ser um bom pesquisador, é necessário que seja, também, um bom transmissor de conhecimentos.

No processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos na perspectiva cognitiva sociológica. Enfim, o professor deve ser um aliado na construção do indivíduo aluno e não, simplesmente, um transmissor de disciplinas, sim, o professor deve ainda estar apto as contínuas mudanças de nosso dia a dia e manter-se atualizado.

## **DIFICULDADE NA LEITURA E ESCRITA**

Ambas evidenciam a curiosidade se transformando em necessidade e esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê, sabemos que a leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato de leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela.

Na verdade o leitor pré-existente à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercambio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural, as experiências nos apresentam leituras existencial no ato de ler, assim, o sujeito demonstra conhecimentos de leitura quando sabe a função de um jornal, quando se informa sobre o que tem sido publicado, quando localiza pontos de acesso público e

privado aos textos impressos (bibliotecas), quando identifica pontos de acesso de compra de livros (livraria, bancas, etc.).

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura e pelos livros são construídas, para algumas pessoas, no espaço familiar e em outras esferas de convivência em que a escrita circula. Mas, para outros, é, sobretudo na escola que este gosto pode ser incentivado. Para isso é importante que a criança perceba a leitura como um ato prazeroso e necessário e que tenha os adultos como modelo.

Nessa perspectiva, não é necessário que a criança espere aprender a ler para ter acesso ao prazer da leitura: pode ler através dos “olhos” do professor e de outros mediadores culturais. A valorização do saber ler e escrever signos arbitrários como instrumentos de comunicação, registros das relações humanas, instrumentos do poder pelos dominadores, mas que também vir a ser a liberação dos dominados. O esquecimento como um mecanismo de defesa e conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes.

Muitos educadores não conseguiram superar as práticas formalistas e mecânicas, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume “à decúria de signos lingüísticos”. Prevalece à pedagogia do sacrifício do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. **Martins** afirma que: “Uma vez alfabetizado a maioria das pessoas se limitam com fins pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de **ler pelos olhos de outrem**”. (MARTINS, ano1994, p.23).

O Ler e escrever são uma atividade muito comum na vida profissional e não profissional. É a leitura o que fica da escola para a vida, muito mais que a escrita. A leitura é, nas palavras de **Cagliari**, “o maior tesouro legado pela escola”. Estranhamente, as atividades propostas pela escola estão centradas na escrita e a leitura fica para um segundo plano. Diante da multiplicidade e variedades de textos que nos são apresentados, não podemos lê-los de uma mesma maneira, é claro que, em um sentido básico, só existe uma maneira de ler um texto: decodificar os sinais que o constituem.

O conhecimento lingüístico abrange o conhecimento da pronúncia, vocabulário e regras da língua, chegando até sobre o uso da língua, no entanto, o não conhecimento

lingüístico do texto compromete a compreensão, e o interesse nas atividades de leitura propostas pelo professor. Assim, a prioridade ainda no ensino da leitura está em descobrir uma combinação de signos em frases e sentenças da língua, ou seja, o seu significado literal, os aspectos de desvios de uso ou de efeitos especiais de significado na leitura são deixados de lado.

A leitura e a escrita é a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo, entende-se que a leitura é um dos caminhos de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano. No entanto, muitos professores desconhecem a importância da leitura e da literatura mais especificamente por ignorar seu valor e/ou por falta de informação e sua prática educativa com a literatura nas séries iniciais do ensino fundamental quase sempre se resume em textos repetitivos, seguidos por cópias e exercícios dirigidos e mecânicos, onde o espaço para reflexão e compreensão sobre si e sobre o mundo raramente encontra lugar.

Sabemos que não podemos nos referir à leitura como um ato mecânico sem a preocupação de buscar significados. Desse modo, é necessário que dentro do ambiente escolar o professor faça a mediação entre o trabalho e o aluno, para que assim sejam criadas situações onde o aluno seja capaz de realizar sua própria leitura, concordando ou discordando e ainda fazendo uma leitura crítica do que lhe foi apresentado.

O Brasil em termo de publicações deixa muito a desejar. Quanto a bibliotecas, nem se fala, a “crise” não se dá tanto devido à falta do ler, aos preços altos 'a pouca quantidade do material, ou mesmo pela inexistência de leitores, vem da particularidade de condições sócio-econômicas e se espalha na ineficiência da instituição escolar, determinando e limitando opções ideológicas que busca na elitização da cultura, meios de reafirmar supremacia social, política, econômica, cultural, o que é considerado matéria de leitura na escola, esta longe de aprendizado tão vivo e duradouro como desencadeado pelo cotidiano, pelo contexto geral em que os leitores se inserem.

Aí vem à importância em se propiciar a leitura e a literatura de modo a permitir ao aluno criar e recriar o universo de possibilidades que o texto literário oferece. Pode-se dizer que a escola tem a oportunidade de estimular o gosto pela leitura se consegue promover de maneira lúdica o encontro da criança com o trabalho, portanto, a leitura não pode estar voltada exclusivamente para o momento de instrumentalização, em que se tem como

objetivo o domínio do código e a quantidade de leituras que são praticadas nas escolas, uma questão fundamental para o ensino nas séries iniciais é tratar do processo de interação leitura e construção do sentido. Dominado a decifração do código escrito, a tarefa ainda assim está longe de ser terminada.

Podemos ter uma classe de alunos alfabetizados, mas que não são “atingidos” pelas coisas escritas, não há uma interação entre o texto e o leitor. Uma da nossa preocupação é com um nível de leitura mais avançado do que a etapa inicial de decodificação. Acontece, porém, que é freqüente, encontrarmos textos em que nem tudo que importa para a compreensão está neles registrado. Há textos, em que o que não foi escrito também deve ser levado em consideração para que ele possa ser verdadeiramente compreendido, é preciso saber reconhecer todos os seus empregos possíveis, que podem variar de acordo com as intenções do falante e as circunstâncias de sua produção.

Nesta situação grande estudiosos começam a chamar a atenção para os aspectos do desempenho lingüístico, aspectos estes, que transcendem o plano gramatical. Cabe aqui integrar ao ensino da leitura os processos desviantes e efeitos especiais de significado. Nesse caso, os leitores não só decodificam o significado das formas lingüísticas, mas atribuem-lhes também, valores potenciais momentâneos, que devem ser decifrados ou recriados, porque não existem já preestabelecidos no uso comum da língua. Nas trilhas do mesmo entendimento, **Souza** (1992, p. 22) afirma: "Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade".

E assim, um leitor crítico não é apenas um decifrador de sinais, mas sim aquele que se coloca como co-enunciador, travando um diálogo com o escritor, sendo capaz de construir o universo textual e produtivo na medida em que refaz o percurso do autor, instituindo-se como sujeito do processo de ler. Vislumbramos em **Freire** (1989) este olhar sobre leitura quando nos diz que a "leitura do mundo" precede a leitura da palavra, ou seja, a compreensão do texto se dá a partir de uma leitura crítica, percebendo a relação entre o texto e o contexto.

A leitura e a escrita é como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem, tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano amplo da noção de leitura. Nesta concepção de leitura onde o leitor dialoga com o autor, a leitura torna-se uma atividade social de alcance político. Ao permitir a interação entre os indivíduos, a leitura não pode ser compreendida apenas como a decodificação de símbolos gráficos, mas sim como a leitura do mundo, que deve ser constituída de sujeitos capazes de compreender o mundo e nele atuar como cidadãos.

Considera-se que o gosto pela leitura se constrói através de um longo processo e que é fundamental para o desenvolvimento de potencialidades, há a necessidade de se propor atividades diversas e diferenciadas para a formação do leitor crítico. A leitura, as práticas e as competências leitoras têm ocupado espaço considerável na educação e na mídia brasileira atualmente. Entre vários problemas estruturais já tão denunciados pelas pesquisas e estudos realizados, ressalta-se aqui a questão da formação docente como um dos principais entraves a uma prática educativa de qualidade, especialmente no que se refere ao ensino da leitura.

Entende-se que, ainda que todos os quesitos ideais necessários a uma prática de ensino da leitura fossem efetivados na escola, indispensável seria a presença de professores leitores, que sentissem prazer na leitura, que fossem bem informados e instrumentalizados para tal prática. É comum a idéia de que o sucesso na alfabetização depende do emprego de bons métodos de ensino. No entanto, sabe-se que a alfabetização não é apenas uma questão de métodos. Sua eficácia depende principalmente da coerência que deve existir entre o plano pedagógico e a língua a ser ensinada.

Seja qual for o ponto de partida, não se pode deixar de considerar que o aluno só estará alfabetizado se ele dominar o processo de formação da palavra, sabendo reconhecer as sílabas que a compõem, bem como os fonemas que figuram na estrutura das sílabas. A leitura crítica sempre leva a produção ou construção de outro texto: o texto do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do SER leitor. Assim, este tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de significado; a leitura crítica deve ser caracterizada como um estudo, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser-no-mundo, dirigido ao outro.

Essa é uma perspectiva que concebe a leitura como um processo de compreensão amplo, envolvendo aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. Segundo **Martins** (1989), o ato de ler é considerado "um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, por meio de qualquer linguagem". Há que se encarar o leitor como atribuidor de significados e, nessa atribuição, levar-se em conta a interferência da bagagem cultural do receptor sobre o processo de decodificação e interpretação da mensagem. Assim, no momento da leitura, o leitor interpreta o signo sob a influência de todas as suas experiências com o mundo, ou seja, sua memória cultural é que direcionará as decodificações futuras.

Todavia, para a formação deste leitor que consegue por em prática sua criticidade, é necessário que haja um estímulo contínuo para o contato entre o indivíduo e o trabalho. O jovem e a criança precisam ser seduzidos para a leitura, desconsiderando neste processo qualquer artifício que possa tornar a leitura uma obrigação. **Martins** (1989) chama a atenção para o contato sensorial com o trabalho, pois antes de ser um texto escrito, um trabalho é um objeto; tem forma, cor, textura. Na criança esta leitura através dos sentidos revela um prazer singular; esses primeiros contatos propiciam à criança a descoberta do trabalho, motivam-na para a concretização do ato de ler o texto escrito.

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, deparamos com a deficiência de nossos educando por parte dos pais serem analfabetos e não terem consciência de que seus filhos precisam estudar e não trabalhar enquanto pequenos, colocam os filhos para trabalhar em vez de incentivá-los a estudar, os filhos reclamam que não tem tempo para fazer as tarefas, por precisar ajudar seus pais na roça. Essas crianças senão encontrarem motivação na escola que o leve a gostar, acabam desistindo e sendo mais um analfabeto na história. Dessa forma nós educadores do campo, precisamos nos desdobrar a cada dia, para que isso não venha acontecer ou diminuir.

Sabemos que é um direito de cidadania de o aluno ter acesso aos meios expressivos construídos historicamente pelos falantes e escritores da língua portuguesa para se tornar capaz de ler e compreender todo e qualquer texto já escrito nesta língua. Ensinar a ler é levar o aluno a reconhecer texto já escrito nessa língua.

Ensinar a Ler e escrever é levar o aluno a reconhecer a necessidade de aprender a ler tudo o que já foi escrito, desde o letreiro do ônibus e os nomes das ruas, dos bancos, das

comerciais, leituras fundamentais para sua sobrevivência e orientação numa civilização construída a partir da língua escrita; ler o jornal, que vai relacioná-lo minimamente com o mundo lá fora; ler os poemas, que vão dar concretude, qualificar e expandir os limites de seus sentimentos; ler narrativas, que vão organizar sua relação com a complexidade da vida social, ler as leis e os regulamentos que regem a sua cidadania, ler os ensaios que apelam à sua nacionalidade e a desenvolvem. A leitura e a escrita em um indivíduo ajudam na promoção social, possibilitando a construção de novos conhecimentos e acesso aos bens materiais e culturais que a sociedade tem acumulado. Corroboramos com as idéias de Freire que a alfabetização é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo. Portanto, é preciso pensar em letramento. Já o letramento para Soares (2001) é o resultado da ação de ensinar e aprender, as práticas sociais da leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo; como consequência de deter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.

Já para os filósofos **Scribner e Cole** (1984) de que letramento é um conjunto de práticas socialmente organizado que usa um sistema de símbolos e tecnologia para a sua produção e reprodução. Não se refere somente ao saber ler e escrever, mas aplicar o conhecimento de leitura e escrita para um fim específico e em um contexto específico de uso.

De acordo com o que diz **Ana Teberosky e Tereza Colomer**,. Nessa leitura abordaremos a aprendizagem e defasagem da leitura e escrita na teoria construtivista, onde o educando será capaz de construir seu próprio aprendizado. Distinguimos entre perspectivas sobre a aprendizagem da leitura e da escrita conforme teoria condutista e a teoria construtivista. Situamos a alfabetização como prática cultural e abordamos as aprendizagens em contextos familiares, claro que a escola se torna fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura.

Tradicionalmente, na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto. Esses educando provavelmente encontrarão mais dificuldades em construir sua leitura e escrita, a maioria tem contato pela primeira vez com livros ou material didático, ao irem para escola, sendo que esses materiais irão ajudar



na construção da leitura e escrita na construção de sua identidade, é a perspectiva construtivista, a partir dos ensinamentos de **Piaget**, uma das que reagiu de maneira mais contundente diante da idéia dos pré-requisitos, insistindo em que, para compreender um conhecimento, é necessário reconstruir suas gêneses, que o processo implica uma evolução.

No dia-a-dia, uma pessoa pode ler para agir ao ler uma placa, ou para sentir prazer ao ler um gibi ou um romance, ou para informar-se ao ler uma notícia de jornal. Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. São essas práticas sociais que precisam ser vividas em nossas salas de aula, apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que as crianças aprendem a ler, e muitas têm no ambiente escolar, o primeiro e, às vezes, o único contato com a literatura. Assim fica claro que a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo.

Segundo (**Mansani Neuza** 1977. p61.) Na alfabetização precisamos romper com os desafios e rupturas impostas na alfabetização por muitos anos, o termo “tia” “é um deles como o dever de cuidar da criança, não ser tratada como parente, sendo que o educador tem o dever de conduzir seu educando no aprendizado”.

Na sua perspectiva, o acesso á linguagem como um sistema de signos possibilita a construção de conceitos gerais e a inserção do pensamento individual numa realidade objetiva e comum, nessa perspectiva, o educando busca desenvolver seu raciocínio através de sua capacidade, onde expressa seus desejos através de desenhos, faz suas leituras de uma forma às vezes virtual, usando o mundo da imaginação. Sabemos que quando vão aprender a ler e a escrever, as crianças têm, como única referência de conhecimento já adquirido, a própria fala. Elas observam demais a própria fala, nesse momento.

Ta confirmada que a cartilha, porém ignora, ignora esse fato e, aos poucos, induz os alunos a interpretarem os fenômenos fonéticos da fala, tendo como modelo a forma escrita das palavras e não a realidade fonética, depois de certo tempo, os alunos já não conseguem sequer analisar a própria fala ou a de outras pessoas, a não ser através da escrita ortográfica e isso é uma pena, infelizmente, a cartilha não apenas trata a escrita de maneira inacreditavelmente equivocada, como deixa de tratar de muitos aspectos da escrita que são interessantes e importantes e que, por essa razão, deveriam começar a ser estudados desde a alfabetização para abrangi melhor a formação do ensino a aprendizagem na litura e da

escrita a fim de solucionar as dificuldades dos nossos alunos já logo nas primeiras s  
ensino fundamental.

## ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Todavia sabemos que para desenvolver um bom trabalho na sala de aula a fim de melhora as dificuldades na leitura e escritas dos nossos alunos, precisaram de uma metodologia e um planejamento de ensino de leitura se concretiza em diferentes aspectos, pois até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, graças a esses pedagogos pode diversificar nossas formas de ensinar de maneira mais atraente, e sem agressão com nossos educandos.

A educação através dos contos e história da aos educandos forma de expressar seus sentimentos através de desenhos ou recontando o que ouviu, criando na maioria das vezes um mundo de fantasia onde o leva aprender brincando e divertido com os contos. A literatura na escola deu um salto de qualidade onde podemos observar que os educandos que têm costumem de ouvir histórias tende de prestar mais atenção e não tem dificuldade em interpretá-lo, e o desenvolvimento da fluência em leitura consiste em possibilitar ao aluno não sobrecarregar sua atenção na identificação de letras, sílabas e palavras, tornando esse processo de identificação automático.

552

Isso é possível, de acordo com a literatura existente, quando, em vez de identificar ou decodificar uma palavra, o leitor é capaz de reconhecê-la, pois já faz parte de seu léxico mental, uma espécie de dicionário que os leitores vão construindo ao longo de sua vida. Tendo automatizado a leitura, o aluno terá condições necessárias para ler com compreensão. Segue abaixo algumas propostas de atividades de leitura.

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercambio da cultura literária, fazendo um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável dialogo entre o livro e seu destinatário mirim. Nós professores podemos observar o quanto os alunos se desenvolve com as literaturas na escola, como eles levam a sério e quer vivenciá-las, a primeira proposta se constitui de duas fases paralelas. Primeira fase: Contos de fadas renovados. Neste primeiro momento, deverá ser feita a recapitulação dos contos de fadas, através de

perguntas que tratem de características particulares de cada história, possibilitando que os alunos as reconheçam.

Eles devem responder a essas questões, a princípio, individualmente, para posterior discussão da temática com o grande grupo, com a mediação do professor. Isso possibilitará que eles aperfeiçoem seus conhecimentos em conjunto e no momento seguinte a esse pequeno debate, o professor dividirá a turma em pequenos grupos e oferecerá para cada grupo um conto de fadas. O professor pode se basear no modelo de questionário sugerido por **Gagliardi; Amaral** (2001, p. 9-14).

Logo depois de realizadas as leituras, cada grupo divulga expõe seu conto para a turma; caso achem interessantes, poderão também apresentá-las em forma de teatro, encenando para as turmas de séries iniciais da escola. Poderá ser realizada uma votação na sala a fim de escolher um filme que aborde contos de fadas renovados para assistir em aula, entre opções como: Shrek, Deu a louca na Chapeuzinho, A nova Cinderela ou Encantada. Independentemente do filme a que assistirem, o objetivo será verificar e anotar as diferenças e semelhanças entre o conto de fada tradicional e o que é veiculado na obra cinematográfica.

A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de tarefa a que esta voltada toda cultura de “conhecimento do mundo e do ser”, e vai mais além, propicia os elementos para uma emancipação pessoal, que é a finalidade implícita do próprio saber, a escola rompe suas limitações. É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem, que a literatura oferta a educação.

Sempre que terminar uma história ou um filme pós o término, abre-se espaço para a discussão sobre as diferenças e semelhanças encontradas, elaborando-se um quadro comparativo que ficará exposto no mural da escola, lembrando que tudo esse trajeto tem como objetivo introduzir a obra de Pedro Bandeira, O Fantástico mistério de Feiurinha. O professor falará brevemente do autor e de sua obra infanto-juvenil e lerá um pequeno trecho inicial para despertar o interesse da turma e trabalha em cima do tema estudado.

A partir daí, sempre haverá, nos minutos finais de cada aula, a leitura em voz alta de um capítulo do livro. Após o término da obra, será realizada uma discussão, e os alunos reescreverão seu próprio conto renovado, para posterior construção de um livro.

As sugestões para essa escrita podem se basear nas elencadas no texto de Pedro Bandeira, a partir as quais o aluno poderá dar continuidade a um conto clássico ou reescrevê-lo, também o professor deverá montar módulos (seqüência didática), de acordo com as dificuldades encontradas na produção dos contos, para posterior reescrita, e para a montagem do livro da turma, o professor poderá fazer um trabalho interdisciplinar com as aulas de Educação Artística, nas quais os alunos poderão ilustrar seu conto, utilizando-se das características da história em quadrinhos ou apenas de imagens.

Após isso, a turma escolherá um título para o livro, que será encadernado, pois assim despertara, mas o interesse do aluno, e depois de pronto, todos os alunos poderão levar o livro para casa, para mostrar para sua família, retornando-o a cada três dias, e quando todas as famílias já tiverem visto o livro da turma, este fará parte do acervo da biblioteca da escola. Exemplos: “A Bela e a Fera”, “Pinóquio”, “A Pequena Sereia”, “Alladin”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Rapunzel”, “Branca de Neve”, “Rumpelstilskin”, “O Pequeno Polegar”, e entre outros que os alunos vir escolher.

Na fundamentação teórica, com base em autores renomados argumentamos sobre este gênero da literatura infantil que desafia o raciocínio e o tempo, apresentamos diversos valores que ajudarão os educando a vencerem seus desafios de leitura e escrita analisamos traves dos contos, poesias lendas e que a leitura acontece como um passo mágico, no universo infantil, também fizemos uma abordagem às criticas que são feitas aos contos de fada por professores que, sem um conhecimento maior, consideram esses contos uma má influencia na formação da criança.

Outra sugestão de atividade de leitura, juntamente com o bibliotecário da escola, o professor fará uma seleção de livros infanto-juvenis de cada gênero literário. Esses grupos de livros serão oferecidos para a turma, com um comentário sobre os gêneros e um pequeno resumo sobre algumas obras que o professor julgar interessantes, e cada aluno, então, poderá escolher um livro que lhe desperte maior interesse caso algum aluno não se interesse por nenhum dos livros selecionados, este poderá escolher outro que mais lhe agrade. É importante ainda frisar que essa retirada de livros, feita na biblioteca, não será de modo algum imposta, respeitando a escolha espontânea do aluno.

Os livros serão levados para casa, podendo ser trocados quando o leitor desejar, assim, a cada duas semanas (sem aviso prévio), faz-se uma mesa redonda para discutir as

obras lidas. Aqui, o professor deve incitar a fala dos alunos, sem fazer apontamentos diretos sobre quem leu ou não, com isso, tem-se o intuito de socializar as histórias lidas, oferecendo uma situação que desperte o interesse por outras leituras e que ainda possa atrair quem não leu a avaliação de ambas às fases ocorrerá de forma processual e progressiva, de modo a verificar o desempenho, a participação, o interesse e a aplicação do estudante no cumprimento das atividades, leituras e discussões, além da interação e empenho em seu grupo de trabalho.

Como sugestões aos pais e professores apresentam o projeto com diversas orientações na arte de contar histórias, pensando assim, na possibilidade de resgatar em nossas escolas e no ambiente familiar essas raízes cultural de nossos antepassados, que estão sendo esquecidas, trazendo assim para nossas salas de aula, contadores de história do assentamento, para que possa contar aos educando suas estórias ou até mesmo ler livros de história para os mesmos, afim de que eles possam recontá-las da forma de seu entendimento, e em seguida pedir a eles que escreva a estória lida ou contada, da forma que achar melhor, colocando as produções no painel da sala de aula, ou fazendo um caderninho ilustrado com desenho e escritas de sua reprodução.

Tem várias atividades propostas podem ajudar no contexto educacional, se bem utilizadas a partir de um conto: o pintar; o desenhar no contexto da história; discutir sobre as partes da história que as crianças mais gostaram; trocar experiências a partir da história contada; adivinhar o que vai acontecer e/ou imaginar finais e situações diferentes; colar; usar massa de modelar; usar bexiga; barbante; construir objetos com sucata; elaborar textos; encenar uma peça teatral; utilizar papéis diversos; confeccionar novos materiais; trabalhar em grupo etc, podem contribuir para a formação de um ser criativo, crítico, imaginativo, companheiro e provavelmente leitor.

Segundo **BAMBERGER** (2000, p.50) A leitura é uma atividade que a escola precisa priorizar, não deve ser vista como inacessível, é necessário oferecer diversos tipos de materiais de leituras, como revistas, fotonovelas, histórias em quadrinhos, dentre outros, para que os alunos tenham a leitura como algo prazeroso e não por imposição, só assim eles terão gosto pela leitura e se tornarão grandes leitores, e “Disponibilidade de livros, representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura”.

A leitura individual possibilitará com que ele desenvolva a capacidade de refletir, aprimorar a linguagem e o desenvolvimento da identidade como ser único, ou seja, “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade” o domínio da leitura leva as pessoas ao mundo do conhecimento, da cultura, da magia, da diversão, de modo que os leitores serão capazes de criar, imaginar, sonhar e viajar a lugar nunca antes imaginado, podendo se colocar no lugar das personagens, identificando-se ou não com eles, além de desenvolver a inteligência, adquirir conhecimentos e ampliar sua visão de mundo dentro de um contexto social, enriquecendo assim, sua vida, e não se pode esperar somente da escola a atividade de leitura, fora da escola caberá aos familiares o dever de criar nas crianças o gosto pela leitura desde a infância, para que dessa forma, a escola possa dar continuidade a este trabalho.

Mostrar a criança o quanto se aprende por meio da leitura, às vezes, lendo alto, discutindo o assunto com o (a) parceiro (a) ao mesmo tempo que se lê, falando com a criança o conteúdo dos jornais e livros, enfim, partilhando a vida escrita, a criança que assiste à família ler constantemente buscará repetir esse gesto sem que seja necessário impor condições.

Um bom exemplo para fortalecer essa afirmação é o de Paulo Freire, que, com pouquíssimos recursos de que dispunha em sua infância, mas com o importante auxílio de seus pais, aprendeu antes de ir para a escola, a ler, e se tornou um ferrenho defensor da leitura e da formação de leitores onde relata assim: “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior, dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 2001, p.15)

De acordo com as leituras, e experiências vivenciadas pude perceber que as histórias e contos são formas divertidas e interessantes de transmitir conhecimentos, essa é uma prática vivenciada desde os nossos antepassados e que predomina até nossos dias atuais, é preciso estimular os alunos para que despertem e desenvolvam o interesse e o gosto pela leitura, assim, estarão aprofundando o conhecimento sobre si e o mundo que os rodeiam, tornando-os aptos para criticar, opinar sobre inúmeras idéias e situações nas quais a leitura se faz necessária.

Nesse contexto, o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um trabalho ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto, deixando-o se expressar para ter um bom desenvolvimento em relação aos alunos.

Deve sim se acredita sempre assim que a proposta de atividades variadas é de grande valor para o processo de construção da autonomia e desenvolvimento da criança em formação tornando em um cidadão crítico e apto no ato de ler e escrever.

## CONCLUSÃO

Sabemos que atualmente no mundo que vivemos a certa cobrança de conhecimento de uma boa leitura e escrita, que a leitura sempre leva a produção ou construção de outro texto, podemos dizer em outras palavras, a leitura sempre gera uma expressão, isso é o desenvolvimento do SER um leitor.

A educação só atingira seus objetivos enquanto instancia do saber elaborado, quando houver um investimento real, tanto na formação pedagógica quanto na formação política, com um trabalho efetivo da escola, ampliando, a visão de relacionamento de professor aluno, a formação política permitira ao professor interpretar a realidade com maior criticidade, proporcionando-lhe um maior compromisso com o trabalho efetivo da escola, ampliando a visão de mundo do qual necessitamos; Assim, a leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de significado; ela deve ser caracterizada como um estudo, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser-no-mundo, dirigido ao outro.

A escola torna-se fator fundamental na aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura tradicionalmente, na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto.

As leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. "O uso do trabalho na escola nasce, pois, de um lado, da relação que se estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua

circunstância.", muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância das atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para o bom desempenho da criança.

E sobre a utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador, fazendo que a criança aprende-se primeiro a falar, depois a ler e escrever e então expressar idéias através da escrita, para que a criança se desenvolve na escola ela deve ser ensinada e estimulada no meio ambiente para que o seu organismo responda e seja capaz de produzir a escrita através dos estímulos recebidos, acredita-se que o sucesso do aluno depende de um bom desempenho em prática de leitura, o qual necessita de todos esses aspectos: as condições de aprendizagem, etapas do saber, as representações do ato de ler e as contribuições dos educadores para este fim.

Esses aspectos devem interagir de modo natural, mas também, despertar a curiosidade e o interesse do indivíduo, permitindo-lhe os estímulos e as condições necessárias para uma prática de leitura que o leve a aprendizagem significativa da realidade do mundo que vive, e nós, enquanto professores que acreditamos em um trabalho coletivo entre escola/comunidade, isto é, para além dos muros da escola, como por exemplo: Trabalhar com projetos interdisciplinares, a fim de melhorar a leitura e a escrita; Planejar as atividades de ensino de maneira cooperativa; entre outros aspectos para que venha favorecer o ensino da aprendizagem.

Portanto, este estudo não pode ser visto como uma fórmula pronta, mas como uma referência a uma aproximação de coletivo, de uma gestão democrática participativa, inserida na comunidade educativa chamada escola.

A única instituição que tem por finalidade a sistematização do conhecimento elaborado para a formação integral do indivíduo para exercer sua cidadania de forma autônoma e transformado nossos alunos em cidadão alfabetizados e críticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, EMILIA. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo; Cortez.1985.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.

BORDINI, M.G. e AGUIAR, V.T. **Literatura: a formação do leitor - alternativas metodológicas**. 2.ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.



BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: **Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

PAIVA, Yolanda Moreira S., **Pedagogia Freinet: Seus Princípios e Práticas**,

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, J.W. **Prática da leitura na escola**. Em: (org.). **O texto na sala de aula**.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura: algumas raízes do problema**. Campinas, FE/UNICAMP, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. II. ed. São Paulo: Global, 2003.

CADERMATORI Lígia: **O que é literatura infantil** - São Paulo: Brasiliense, 2006 - (Coleção primeiros passos; p.163)

ELIAS, Marisa Del C(Org.) **Pedagogia Freinet: teoria e pratica**. Campinas, SP: Papirus,1996 (Colpráxis).

MARTINS, Maria Helena: **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (coleção primeiros passos)